

# Sala São Paulo de Concertos

Trabalho de engenheiro arquiteto mackenzista enriquece o nosso patrimônio artístico e cultural.

Um misto de conhecimento arquitetônico e tecnológico, sensibilidade e intuição marcaram o trabalho do arquiteto mackenzista Nelson Carlos Lauson Dupré, condutor do projeto e da obra de revitalização da Sala São Paulo, na Estação Júlio Prestes, reinaugurada em 9 de julho de 1999. A estação, projetada em 1925 por Christiano Stockler das Neves, outro mackenzista, para abrigar o ponto de partida dos trens da Estrada de Ferro Sorocabana no auge do ciclo do café, começou a ser executada um ano mais tarde, mas só foi parcialmente concluída em 1938, devido à instabilidade econômica provocada pela Grande Depressão (1929).

O trabalho de revitalização do prédio, no estilo Luís XVI, foi entregue a Dupré depois que ele apresentou

proposta de trabalho e custos adequados à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e ostentou, no currículo, participação em trabalhos importantes como os de restauração do Teatro Municipal de São Paulo e do Teatro D. Pedro II, em Ribeirão Preto, SP. O arquiteto conta que foram 30 meses de trabalho — 12 gastos na elaboração do projeto e na pesquisa de materiais, 18 acompanhando as obras: “Todos os detalhes foram desenhados por mim. Usei tudo o que podia saber”, diz, referindo-se aos seus 30 anos de experiência.

Formado em Arquitetura pelo Mackenzie (1973) e pós-graduado três anos depois, Dupré afirma que teve dúvidas quanto à qualidade do trabalho, mas porque, a exemplo de Christiano Stockler das Neves, que não pôde terminar a obra, ele ainda vê “coisas” que precisam ser feitas no espaço. O ápice do trabalho, porém, veio com as inúmeras “críticas posi-

tivas” de colegas e da imprensa e com o USITT Architecture Honor Award 2000, prêmio concedido pela United State Institute for Theatre Technology, de Denver, Colorado, Estados Unidos. O prêmio coroou o trabalho porque, segundo Dupré, “difícilmente é concedido para obras internacionais”.

A garantia de qualidade do trabalho do arquiteto está nas soluções encontradas para o acesso às dependências da sala e a seus mezaninos, levando em consideração os ditames da Carta de Veneza. Segundo o documento, quando se faz uma intervenção em obras tombadas pelo patrimônio histórico local deve-se preservar as características originais, porém, cabe ao restaurador deixar assinalada a intervenção. Assim, Dupré buscou materiais tecnologicamente adequados e conseguiu transparência e ótimo isolamento acústico.

Em termos visuais, lançou mão de estruturas metálicas em arco, piso de madeira com desenhos que remetem a uma estação ferroviária e, ainda, optou por vidro em determinados locais para dar visibilidade a alguns pontos da sala, sem prejudicar a acústica. “O projeto é todo ele muito transparente e não seria na interface entre a sala e a estação que deixaria de ser”, diz. Assim, prédio, estação, via férrea e sala estão interligados sem que haja interferência acústica para dentro da sala de concertos. Nesse sentido, trabalhou e pesquisou os materiais mais



Nelson ganhou o prêmio concedido pela United State Institute for Theatre Technology (acima).



avançados, como amortecedores de neoprene, usados nas colunas que sustentam os balcões, sob o piso e palco de modo que as vibrações externas não afetem a qualidade acústica interior. O arquiteto diz que as soluções mais importantes e curiosas foram as encontradas para o teto, cuja característica em outras salas é de ter algumas placas móveis e, no caso da Sala São Paulo, é o “único espaço no mundo que tem um forro inteiro móvel”. E no projeto atual dos balcões, posicionados de forma quase convexa que garantem excelente qualidade acústica.


“A importância da reorganização é que as soluções encontradas seriam prioritariamente visando a arquitetura, mas tal aspecto, no caso da Sala São Paulo é indissociável da acústica”, explica. Em outras palavras, o forro totalmente móvel foi pensado para que não se perdessem os dois andares superiores do prédio e se mantivesse a originalidade do projeto. Com o forro 100% móvel, o projeto garantiu deslocamentos milimétricos às placas, refletindo na qualidade

O arquiteto mackenzista Nelson Dupré conduziu o projeto e a obra de revitalização da Sala São Paulo de Concertos (foto maior) reinaugurada em 9 de julho de 1999, na Estação Júlio Prestes (à direita) cuja construção, em 1925, se deve ao engenheiro Christiano Stockler da Neves, outro mackenzista.



acústica, comparável à das melhores salas de concertos do mundo. Segundo ele, a reverberação do som entre 1,8 e 2 segundos nas outras, varia entre 3,8 e 4 na sala São Paulo.

Dupré afirma que teve de enfrentar muita adversidade para garantir as soluções encontradas, porque o escritório contratado para dar assessoria queria que as bases do seu trabalho estivessem montadas nos projetos de salas como, por exemplo, a de Boston. Segundo disse, além do “feeling de 30

anos” ele se baseou em outros arquitetos brasileiros de sucesso para alcançar a maturidade de hoje no seu trabalho. A seu ver, a formação no Mackenzie garantiu as ferramentas necessárias porque a escola, de alguma forma, cria vínculos com o aluno mesmo com o passar dos anos: “Já ouvi muito o *uma vez mackenzista, sempre mackenzista*. Pois é. Não se consegue deixar de ser. Coloco a escola como elemento importante na minha condição de estar aqui agora”, conclui. 

Dupré eufórico: “A Sala São Paulo é o único espaço no mundo que tem um forro inteiro móvel”.